
SPR

SPANISH AND PORTUGUESE REVIEW

OPEN ACCESS

**Geografias transculturais do imaginário feminino luso-americano:
The Open Door, de Laurinda Andrade**

Célia Carmen Cordeiro

Spanish and Portuguese Review 2 (2016): 39-56

Spanish and Portuguese Review files are licensed under a
**Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives
4.0 International License.**



Geografias transculturais do imaginário feminino luso-americano: *The Open Door*, de Laurinda Andrade

Célia Carmen Cordeiro

University of Texas at Austin

Resumo: Tendo em conta a posição geopolítica dos Açores no império português, Laurinda Andrade (1899-1980) emerge na sua autobiografia —*The Open Door* (1968)— como um sujeito semi-colonial disjuntivo. Na ilha Terceira, Laurinda desenvolve uma identidade “entre-lugar” que se complica aquando da emigração para os Estados Unidos, em 1917, na medida em que o espaço diaspórico desafia-a para a vivência da sua identidade numa “cacofonia de espaços terceiros” (Byrd 2011). Essa multiplicidade de “entre-lugares” é experienciada num processo interseccional de categorias sociais: género, raça, classe e etnia. Vista como uma imigrante feminina lusa racializada, a protagonista socorre-se de alguns valores nacionalistas da cultura portuguesa, disseminados durante o período ditatorial (1933-74), como forma de reafirmação pessoal no processo de negociação entre a cultura étnica açoriana/portuguesa e a cultura dominante, estado-unidense, nunca assimilando nem rejeitando totalmente esta última.

Palavras-chave: Laurinda Andrade, literatura luso-americana, imigração portuguesa, colonialidade, identidade, entre-lugar(es).

The *Open Door* é um texto que vincula o percurso de vida da açoriana Laurinda Andrade (1899-1980) entre a ilha Terceira e os Estados Unidos da América. Publicada em 1968, nessa autobiografia sobressaem factores de ordem geográfica, política, económica, social e cultural que contribuem para a fragmentação da identidade da protagonista, em consequência das diferentes “fricções” culturais que vivencia aquando da sua circulação nos espaços transatlântico e norte-americano. *The Open Door* insere-se num conjunto de autobiografias de autores açorianos que também imigraram para os Estados Unidos no primeiro quartel do século XX. Constituem alguns exemplos: *Home is an Island*, de Alfred Louis (1951), e *Never Backward*, de Lawrence Oliver (1972).¹

A obra de Laurinda Andrade tem sido objeto de análise do ponto de vista literário por alguns críticos, de entre os quais se destacam Maria de Fátima Meireles (1994) e Francisco Cota Fagundes (2007). Por um lado, este último analisa as subjetividades múltiplas que constituem *The Open Door*. Distingue, desde logo, entre a Laurinda Histórica, a Laurinda Narradora e a Laurinda Protagonista, considerando esta última “a heroína da autobiografia e a que encarna as diversas subjetividades protagonistas por via emancipatória, por via imigrante e por via hagiográfica” (381). Considera *The Open Door* uma “autobiografia literária,” na medida em que se trata de uma “narrativa de (re)construção de experiências e subjetividades autobiográficas ao serviço de

¹ Os três autores açorianos nasceram com a diferença de três anos entre eles: Andrade (1899), na Terceira; Louis (1896), nas Flores e Oliver (1903), no Pico.

ideologias públicas e privadas” (379). Por outro lado, Meireles examina como se manifesta nessa autobiografia a presença das duas culturas—a portuguesa e a estado-unidense—, enfocando nas três grandes metáforas que percorrem a obra, “o sucesso, a emancipação feminina e o sentido de missão” (182). Neste ensaio, a minha abordagem distingue-se das anteriores na medida em que argumento que as condições geopolíticas experienciadas no arquipélago dos Açores influenciam a fragmentação da identidade de Laurinda, vivência entre-lugar que toma repercussões maiores aquando da estadia nos Estados Unidos, em contacto com portugueses e pessoas de outras etnias.

No contexto da história de Portugal, os Açores, e a ilha Terceira particularmente, apresentam uma posição geopolítica peculiar. Laurinda salienta o papel importante desempenhado pela sua Terceira para a independência de Portugal, aquando da expulsão dos espanhóis do território nacional em 1640 (18). Ainda na ilha teve lugar a vitória dos liberais durante a guerra civil, em 1829 (19). Na rota da emigração portuguesa, a Terceira constituiu um lugar de passagem fundamental pela localização estratégica dos seus portos, não só para a embarcação de açorianos com destino ao Brasil, mas também para aqueles que se dirigiam à faina na indústria baleeira norte-americana.

A posição geopolítica de Portugal enquanto colonizador contribuiu para criar uma relação de subalternidade entre as regiões insulares e o continente português, assim como deste último em relação aos Estados Unidos. O papel periférico da cultura portuguesa em relação à cultura europeia diz muito sobre a “especificidade de Portugal enquanto colonizador, subalterno em relação à Inglaterra” (Santos 1993, 46-47). Segundo Boaventura de Sousa Santos (2003), tal assenta em razões de economia política porque o subdesenvolvimento do colonizador português produziu o subdesenvolvimento do colonizado. Pelo contrário, a Inglaterra protagonizou um equilíbrio entre o colonialismo e o capitalismo, daí o colonialismo inglês ter sido o colonialismo norma porque impunha a normatividade do sistema mundial. Um dos traços mais evidentes da semiperifericidade de Portugal reside, segundo o sociólogo, no facto de D. João VI ter-se mudado para o Brasil, assim como toda a corte, para fugir às invasões de Napoleão. A colónia garantiu a independência da metrópole, convertendo-se no centro do império e a metrópole em apêndice da colónia. É simbólico também que, aquando do tratado de reconhecimento da independência do Brasil em 1825, a Inglaterra tenha emprestado ao Brasil o montante da indemnização que este se comprometera a pagar a Portugal, um montante igual à dívida de Portugal para com a Inglaterra (Santos 2003, 35). Argumento que essa “especificidade” colonial lusa se prolonga na contemporaneidade aquando da exploração dos Açores pelos Estados Unidos através do uso de bases militares, nomeadamente a Base Militar das Lages, na Terceira. Tal relação influencia a própria cultura terceirense, transformando-a numa “cultura de fronteira”.

A “semiperifericidade de Portugal enquanto colonizador afetou o carácter da cultura portuguesa, atribuindo-lhe uma posição interidentitária, que levou à formação de uma cultura de fronteira” (Santos 1993, 46). Boaventura de Sousa Santos explica que a cultura portuguesa não tem conteúdo, mas apenas forma. E essa forma é a fronteira, ou a zona fronteira porque o Estado português falhara duplamente: nem diferenciou a cultura do território nacional face ao exterior, nem promoveu a homogeneidade cultural no interior do território nacional (1993, 47). Consequentemente, a cultura portuguesa tem tido dificuldade em se diferenciar de outras culturas nacionais e mantém permanentemente uma heterogeneidade interna. Assim sendo, criaram-se “espacio-temporalidades culturais locais e transnacionais mais fortes do que a espacio-temporalidade nacional” [...] que é “deficitária” (Santos 1993, 48). Ou seja, enquanto identidade nacional, explica Santos, Portugal nunca foi nem suficientemente semelhante às identificações culturais positivas que eram as culturas europeias, nem suficientemente diferente das identificações negativas que eram os não europeus. Enquanto cultura europeia, a cultura portuguesa foi uma periferia que, como tal, assumiu mal o papel de centro nas periferias não-europeias da Europa. Esse déficit de diferenciação e de identificação criou não só um vazio substantivo, mas também consolidou uma forma cultural muito específica, a fronteira ou a zona fronteira (49). Laurinda Andrade experiencia essa vivência de cultura de fronteira quando vive na Terceira, aonde a cultura ilhoa assume um papel interidentitário, entre a cultura norte-americana, influenciada pela presença da Base Militar das Lages, e a cultura continental portuguesa. Interidentidade cultural na qual se molda a identidade da protagonista de *The Open Door*.

As fricções entre as culturas portuguesas (regionais/continental) originam-se em relações pautadas por “colonialismos internos”. Marcados por um sistema de “colonialidade de poder” (Quijano 2008, 13-14), os Açores dependem economicamente do governo central português, na medida em que se perpetuam “instâncias da instauração e continuidade do colonialismo [luso] nessa relação de centro e periferia. A “colonialidade do poder” origina o espaço da *diferença colonial* (Mignolo 2000, ix) no qual se assiste à subalternização das subjetividades e formas de conhecimento. E é isso que acontece quando a cultura açoriana é percebida pelo olhar continental. Os Açores constituem esse espaço da *diferença colonial*, de dependência económica em relação ao poder central português e este, por conseguinte, dependente, em parte, do poder económico dos Estados Unidos quando negocia a utilização dos Açores (bases militares) por parte deste país, como acontecera aquando a Primeira e Segunda Guerras Mundiais (Ferreira 72-77). Desenvolvem-se colonialismos internos quando o poder superior subjuga o poder inferior, desenvolvendo um estatuto relacional de subalternidade (Cusicanqui 71-74). Os Açores funcionam, assim, como uma espécie de “colónia” partilhada, factor que vem a influenciar a formação da identidade dos açorianos, principalmente daqueles que viviam na Terceira, como

Laurinda, exposta às culturas regional, continental e estado-unidense. A identidade entre-lugar (móvel) de Laurinda é marcada por essas relações assimétricas de poder, aonde se notam reverberações inerentes a uma colonialidade que se prolonga no tempo e no espaço, daí o meu argumento de que a sua identidade se desenvolve marcando-a enquanto sujeito semi-colonial disjuntivo/entre-lugares. Neste processo, a sua identidade progride numa “proliferação cacofónica de espaços terceiros,” no sentido utilizado por Jodi Byrd, em *Transit of Empire*,

[C]acophony focuses on those moments where the representational logics of colonial discourses break down in the forced application of them in settler colonial localities that contain multiple colonial experiences grounded not only in race but gender, indigeneity, conquest, and sexuality as well. (53).

Cacofonia de espaços terceiros que será analisada numa perspetiva “interseccional feminista” (Crenshaw 1242), ou seja, em vez de analisar género, raça, classe e etnia enquanto categorias fixas; tomo-as como instrumentos através dos quais descortino e descrevo a produção e a reprodução de relações de poder e assimetrias, assim como as suas inter-relações e entrelaçamentos.

Esse “espaço terceiro”, assim designado por Homi Bhabha, e ao qual Silviano Santiago designara por “entre-lugar” (o espaço da colonialidade); Edouard Glissant denominou por “lugar intervalar”, constitui o espaço intersticial de contato entre culturas, num processo inter-relacional que desencadeia transformações identitárias para o sujeito. Um “espaço terceiro” ou “entre lugar” experienciado e reproduzido em múltiplos entre-lugares no contato de Laurinda com outras culturas em contexto diaspórico. A diáspora desafia a retórica das culturas como totalidades radicalmente separadas, intocadas e protegidas na memória mítica de uma identidade coletiva única. Na diáspora, a “diferença cultural” emerge e rompe com qualquer estado de coisas que se havia forjado como definitivo. *The Open Door* é produto disso mesmo, na medida em que aproximando a estética diaspórica da “différance” derridiana (composta por identidades simultâneas e plurais), o texto é híbrido, impuro e as suas fronteiras operam como “places de passage”, de entrecruzamento de compreensões e práticas cujo resultado (híbrido e plural) não pode mais ser desagregado. Então, as culturas açoriana, portuguesa e estado-unidense são experienciadas como fronteiras, passagens, travessias, (des)encontros de vozes dissonantes, o que influencia a identidade da protagonista de *The Open Door*, tornando-a cada vez mais fluída. Antes isolada por razões geográficas e políticas, ela vê a sua trajetória entrecruzada com a de *Outros* imigrantes num espaço *Outro*, os Estados Unidos.

O título—*The Open Door*—é simbólico, na medida em que alude a um período de não restrição quanto à entrada de emigrantes europeus, precisamente entre as últimas décadas do século XIX e 1920. Vigorava a “Open Door Policy”

(Marcos 10). Por conseguinte, entre 1860 e 1920, os portugueses entraram em grande número no país, a chamada primeira grande onda migratória lusa para os Estados Unidos. Entre 1910 e 1920, entraram 89,732 portugueses, maioritariamente mão-de-obra masculina com destino ao trabalho na pesca da baleia, cujo comércio e indústria se desenvolviam em grande escala na Costa Leste (Marcos 17-19). Anos depois, com o grande desenvolvimento da indústria têxtil em Massachusetts e Rhode Island, então, mais mulheres começaram a emigrar e a estabelecer-se nesses estados (Marcos 15-17). Porém, a partir de 1921, com o *Emergency Quota Act*², a emigração foi restringida aos grupos étnicos que já viviam no país de acordo com o censo de 1910 (irlandeses, ingleses, escoceses, gauleses, entre outros). Desses, apenas 2% anuais poderiam entrar livremente nos Estados Unidos, o que contribuiu para um forte decréscimo do número de emigrantes (incluindo portugueses) que vinham da Europa do Sul e de Leste (Marcos 21-22). Consequentemente, o período entre 1921-1959 ficou conhecido por “dormancy period” (Pap 79).

No caso português, são os ilhéus aqueles que deixaram o território nacional em maior número, tendo em conta a situação de miséria em que viviam, resultante da má distribuição de recursos, entre o continente português, a Madeira e os Açores. Embora tal situação não seja denunciada diretamente por Laurinda, tendo em conta que o pai era comerciante e viviam de forma remediada; outras narrativas de imigração lusa há em que os autores não recusaram denunciar uma situação de discrepância relativamente ao poder aquisitivo dos açorianos e dos portugueses continentais. O livro de memórias de Pauline Correia Stonehill — *Barefull of Memories: Stories of my Azorean Family* (2005), por exemplo — retrata o descontentamento da sua família quanto à miséria vivida nos Açores em 1914 quando emigraram para a Califórnia, três anos antes do deslocamento de Laurinda:

These was a history of rebellion against the *oppressive* government in Lisbon, which taxed them heavily. Although they were a province, they have historically been treated as a mercantilist *colony*; in that they must sell all their products to Lisbon at the price Lisbon sets and buy all manufactured goods through Lisbon after a stiff tax has been imposed. Besides being ground down by stringent economic impositions, they were not treated with courtesy by the mainlanders. (106)³

O exposto por Pauline Correia Stonehill ajuda a compreender a situação de “colonialidade de poder” vivenciada pelos açorianos, na relação desigual com

2 Também conhecido por Emergency Immigration Act of 1921, the Immigration Restriction Act of 1921, Per Centum Law ou Johnson Quota Act.

3 Itálico nosso.

os portugueses continentais, pois os Açores eram explorados e tratados ao nível de colónia. Por conseguinte, os açorianos almejavam a oportunidade de viver em melhores condições de vida, nem que para tal tivessem que emigrar. Através do caso de Laurinda, o leitor também toma conhecimento da precariedade ao nível da educação nos Açores, o que a impele a emigrar para obter uma melhor educação.

No prólogo da autobiografia, deparamo-nos com um “eu” que se autorrepresenta como alguém que realizara o *American Dream*. A protagonista é destacada no momento de receber o diploma em Línguas Românicas pelo Pembroke College, hoje completamente integrado na universidade da Brown, em Rhode Island. Na descrição dessa conquista celebrada no dia 15 de Junho de 1931, a narradora condensa a sua satisfação na expressão “a self-made woman”. Laurinda havia realizado o seu sonho por mérito próprio. Havia “sido eleita” para ter êxito na Terra Prometida. Nesse momento da narrativa, alude-se à *odisseia* lusa da conquista dos mares no século XVI, fazendo com que o leitor vislumbre a protagonista como descendente dessa “linhagem” de conquistadores portugueses. O prólogo é escrito na terceira pessoa. No entanto, o restante da obra é escrito na primeira pessoa do singular. É como se à Laurinda sem diploma não lhe fosse concedido a voz nem a autoridade necessárias para escrever. O diploma, símbolo da realização do *American Dream*, confere-lhe a autoridade e a agência necessárias para ocupar um espaço nas letras luso-americanas, mais comumente dominadas pela pena masculina.

Numa época em que o género feminino é excluído do discurso oficial, escrever um livro e publicá-lo constitui uma forma de “talk back, to embody subjectivity, and to inhabit and inflect a range of subjective I’s” (Smith & Watson 16). Laurinda mostra que ela conseguira “fazer a América”, conquistar um espaço outro e afirmar-se nele dignamente como mulher, imigrante e escritora. Neste sentido, ela é um exemplo a seguir para os restantes imigrantes lusos (Suárez 30; Duarte 3). Aliás, desde cedo, se destacara na comunidade luso-americana quando completara o liceu e se tornara recipiente de várias bolsas de estudo, sendo por isso referenciada nos jornais:

But when the local press, both American and Portuguese, gave front-page space to the story of my high school accomplishment, I understood the psychological interpretations of our struggle, which the newspapers had turned into a triumph. On that great day in June, 1927, I am told that at the moment I received my high school diploma there was a unanimous ovation from the audience. I cannot recall hearing a sound; I must have been in a trance. IT WAS ALL A DREAM. (131)

Mas Laurinda se distinguira desde logo na família. Recusara um lugar de género naturalizado, lutando contra o patriarcado nas pequenas coisas do dia a dia, com o intuito de mostrar a sua firmeza como mulher e o seu direito em perseguir os seus objetivos independentemente do seu género. Ao contrário das irmãs, ela rejeitara a domesticidade como paradigma e passava o seu tempo na mercearia do pai, atendendo e conversando com os fregueses; visitando a tia-avó Maria e os padrinhos. Estes últimos de classe abastada e letrados, viviam em Angra do Heroísmo e proporcionavam-lhe o acesso aos livros sempre que os visitava. Frequentava a escola e arranjou, depois, um trabalho de secretária junto de um emigrante regressado do Brasil e amigo do pai (30, 56, 68, 74). Por mais que fosse difícil às mulheres se mobilizarem no espaço público, Laurinda lutava por mostrar-se útil para além da esfera privada na sociedade patriarcal açoriana.

Laurinda não tinha como finalidade de vida o casamento, logo não concebia submeter-se ao género masculino. Pelo contrário, a própria mãe tinha uma atitude de submissão ao marido (21). A irmã mais velha aceita casar com um homem o dobro da sua idade apenas porque convém aos negócios do pai (56). À nossa protagonista, porém, não lhe atrai a ideia do casamento, seja pelo exemplo negativo que tem em casa, sabendo que o pai traía a mãe com outras mulheres (24, 35), seja pelas histórias que ouve de mulheres casadas e separadas com quem partilha a travessia do Atlântico em direcção ao Novo Mundo. São muitas as histórias de traição e abandono que escutou na travessia, levando essas mesmas mulheres a irem em busca de melhores condições de vida no outro lado do Atlântico (67).

Laurinda diferenciara-se das demais jovens terceirenses da sua idade porque tinha objetivos próprios. Ela almejava ser professora e tornar-se independente, o que lhe valera críticas da parte das mulheres da comunidade terceirense, que a alcunhavam de “esquisita”, o que se encontra bem ilustrado na passagem seguinte, na qual ela descreve o encontro com outras mulheres quando iam buscar água à fonte:

One day during a drought, she went alone to a public fountain to get some water. While she was waiting to fill her container, some women already waiting there decided to kid her about the fancy idea of becoming a teacher. Her first impulse was to tell them off, as usual. But instead of that, the phrase, “Se Deus quiser,” came out loud and clear, carrying a different sound in her ears. [...] To our girl, that odd performance of a dumb cow was not a joke. She herself had been called “esquisita” many times, and that was the implication she had understood in the sarcastic words of those women when they had been harassing her. (*Open Door* 49)

A protagonista não queria depender de nenhum homem, mas ser livre e emancipada por via da educação. Almejar ser professora é algo que a comunidade feminina açoriana não entende, pois teria sido mais fácil arranjar um marido que a sustentasse (56). Não era muito comum nessa época as mulheres terem acesso livre à educação, tendo em conta que a escola pública não era ainda um bem para todos e todas. Nem todas as vilas e aldeias do Portugal republicano (1910-1928) tinham escola (35). A percentagem de iliteracia era muito elevada a nível nacional. Em 1927, durante o Terceiro Congresso Pedagógico e da Educação, ainda se regista 75% de analfabetismo e, ainda, 70% das crianças em idade escolar não recebiam instrução (Pestana 19). Laurinda admirava as mulheres independentes economicamente, como a sua professora da escola primária, Dona Maria Pia. Ela constituía o seu modelo a seguir. Apesar de a professora ter pedido ao pai dela para que a deixasse prosseguir estudos, o pai tinha medo que a filha se distanciasse dos irmãos em termos de literacia e não a deixou continuar a estudar. Logo, a vida da protagonista começou a ficar cada vez mais limitada na Terceira e ela perseguia a emigração como escape e meio para realizar o seu sonho de se tornar professora. Eis a razão por que aos 17 anos, ela emigra para a Costa Leste dos Estados Unidos. Apesar de ser mulher, havia uma relação de respeito mútuo entre ela e o pai. Ele era mais flexível com ela do que com os irmãos, mesmo com o António, o filho mais velho. Assim sendo, concedeu-lhe a emancipação oficial para que a filha pudesse emigrar, mesmo antes de ela fazer 18 anos, algo incomum no meio em que viviam.

Nos Estados Unidos, é a comunidade lusa em New Bedford constitui o *network social* que apoia a protagonista ao longo do seu percurso de “self-made woman”. Laurinda muda de casa treze vezes e durante esse período reside em “boarding houses” cujos (as) donos (as) alugavam quartos aos homens portugueses, pescadores da caça à baleia que aportavam em New Bedford para ganhar a vida, e às mulheres que estivessem a trabalhar nas fábricas têxteis. Os amigos lusos ajudaram-na a procurar hospedagem. Manuel Parente e a irmã Lucília levaram-na para uma “boarding house” em 122 Acushnet Av. na primeira casa que ficara—da Tia Emília Das Dores. Esta dividia a cama com Laurinda, pois não tinha mais quartos disponíveis naquele período (82-3). Sempre que mudava de casa, mantinha-se na mesma área geográfica e, muitas vezes, na mesma rua, duas a cinco quadras de distância. Permanecendo “east of County Street” (105), perto da Primeira Associação de Ajuda Mútua Portuguesa, situada numa das divisões do Banco Luso-Americano Monte Pio, na esquina de Howland St. E Acushnet Av. (105). Nota-se aqui o que as geógrafas feministas Doreen Massey e Linda Mcdowell afirmam relativamente ao facto de não ser apenas o espaço que é socialmente construído, mas o social também é espacialmente construído (39-40).

Alguns inquilinos da Tia Emília também a ajudaram a arranjar emprego na fábrica. A Lucília, a Dona Fortunata, o Manuel, entre outros, auxiliaram-na na mudança de secção na fábrica para que ela pudesse ganhar mais dinheiro, passando de \$4 para \$8 e, depois, para \$14-\$15 por semana, para conseguir pagar o quarto, a comida e, ainda, enviar algum dinheiro à família na Terceira para pagar a dívida ao pai, relativa ao bilhete da viagem de navio (97). Chegou a caminhar para o trabalho para poupar alguns trocos, desde Wing Street para o Sharp Mill, na South Dartmouth St, perto de Rockdale Ave. (96).

Com o espírito livre, Laurinda luta pela igualdade de direitos e oportunidades na diáspora luso-americana. Por exemplo, nos anos 1930 e 1940, às mulheres dos enclaves portugueses de Rhode Island e New Jersey estava proibido que se sentassem num restaurante a almoçar ou a jantar. Só os homens podiam fazer isso. Habitualmente, as mulheres entravam, compravam a sua refeição e saíam imediatamente. Não podiam comer ali. Laurinda mudou esse hábito, exigindo ser digna de almoçar num restaurante sempre que quisesse, independentemente do seu género e isso facilitou a presença de outras mulheres nesse espaço também. Como se pode ler no excerto a seguir, sente-se nesta condição de “eleita por Deus” para mudar os costumes machistas num país com boas oportunidades de desenvolvimento para o género feminino:

Although it was unrelated to my work or to me personally, I was irked by the male monopoly of the only restaurant in the area. Only men ate there. I had been carefully advised to observe the custom of having my dinners put up in continental-style containers, pick them up at the door, eat at home and return the containers, washed and ready for the next day. Considering it a waste of my time and effort to continue that ridiculous custom, one day I decided to try to break the barrier by asking the proprietor why I could not have my dinner there. The prompt answer to my question was, If you come, I'll give you the best table and I guarantee the respect of everyone who may be here [...] And now other women, too, were brave enough to follow me in. Who said that the hand that rocks the cradle governs the world? *In this great land of extraordinary feminine opportunities, we may wonder how many of us are really heedful of what seems to be our God-given assignments?* (169-170)⁴

A fé de Laurinda destaca-se em vários momentos da sua jornada americana. Um ano depois de vivência na América, adocece de tuberculose. As amigas Francisca Vieira e a Dona Fortunata hospedam-na no segundo piso de sua casa, cuidam dela com sopas, leite, gemadas e sumo de laranja (95) e seguem à rica

4 Itálico nosso.

as prescrições do Dr. Taveira (99-101). A fé dela é forte e a recuperação total acontece após vários meses:

Who can ever doubt the power of the Holy Spirit after watching, from a sick bed, a radiant sunrise? Those beautiful, spring mornings when the sun rays flooded my room and covered my bed with warmth and energy, both physical and spiritual, stand out like an oasis in that recovery. It had to be a direct manifestation of Divine love and greatness. [...] I must have learned then that He leads and we try to follow. (101)

Nem tudo foi fácil na América. Logo na primeira casa em que ela se hospeda, vê-se objecto de invejas e enredos. Por ela ter desmaiado durante a viagem de barco, uma portuguesa inventara que ela estaria grávida, tendo sido de imediato expulsa. Mudou-se de Taunton para New Bedford. Então, em casa da Tia Emília das Flores, Mamie (a filha da governanta Mariana), sentia-se atraída por Manuel, amigo de Laurinda. Esta amizade causou-lhe ser tratada de forma fria e distante por Mariana: “So this too, was America—an America of deceptions, frustrations and disappointments” (84). Decepções que surgem mesmo da parte daqueles que supostamente partilhavam os mesmos valores cristãos dentro da comunidade lusa.

Laurinda toma contacto com outras formas de atuação do género feminino em sociedade, que desconhecia na Terceira, as quais lhe causam algum desconforto. Mamie era mãe solteira e a Sr^a Mariana também não tinha marido. Surpreende-se pelo comportamento social de Mamie, completamente à vontade, usando roupas muito ousadas, sem se preocupar com o decoro exigido ao género feminino nos Açores. Habituada a uma educação social exigente, Laurinda sente-se dividida entre o excesso de subjugação feminina dentro do sistema patriarcal e a liberdade total sem normas nos Estados Unidos. Este é outro “entre-lugar” que experiencia, desta feita, na categoria social de género. Herdeira dos conquistadores portugueses (no bom e no menos bom também), Laurinda representa, neste contexto, o “olhar colonial europeu” a analisar e criticar outros comportamentos, situando-se nessa “zona de contacto” entre colonizador e colonizado (Pratt 29-35). Verificam-se, assim, reverberações da colonialidade lusa plasmadas na identidade de Laurinda. Afinal, ela havia sido educada durante a vigência do regime do Estado Novo, no qual o código de conduta feminino impunha condições restritivas às mulheres.

A América continua a desiludir quando recebe o seu primeiro salário. Trabalhara tanto durante a semana para receber apenas \$4, o que não chegava para pagar o quarto (\$5) e a alimentação mínima (85). Reavaliando a sua situação, a protagonista toma consciência de que as suas expectativas relativamente à vida americana haviam sido frustradas:

My imaginary America had promised me all I would ever need to realize my precious dream of freedom and independence. I had neither anticipated nor conceived those naked facts of reality, in the building of my castle in the air. (85)

Laurinda admite que tinha “construído castelos no ar” relativamente à América sonhada nos Açores e com a qual se desencantou *in loco*. É no confronto com diferentes valores culturais e morais que a identidade de Andrade vai sendo transformada e transculturada no país de acolhimento. Ela não é a favor do sistema patriarcal em que as mulheres não têm direitos, mas também se surpreende com o comportamento feminino menos moderado, então, é neste “entre-lugar” constante que a protagonista vive quando confrontada com o *Outro*, mesmo que esse outro sejam *outras* mulheres portuguesas imigrantes, ou a América enquanto *outro* mais abrangente.

Nas fábricas têxteis, ela sofre a discriminação de etnia e raça. Os supervisores, por vezes, concedem mais oportunidades de trabalho a pessoas da sua própria etnia, discriminando as restantes. As portuguesas são objeto desse tipo de discriminação relativamente às mulheres italianas e irlandesas, cujos grupos étnicos se encontravam há mais tempo no país e eram em maior número. Os portugueses ainda eram uma “minoría étnica” se comparados com os demais (Smith 85). Esta discriminação é mais um exemplo de que na América a igualdade de oportunidades era manipulada, o que revolta a protagonista:

Intelligence, with its kaleidoscopic manifestations, is not the exclusive monopoly of any one race or national group. It is a God-given gift, scattered among all peoples of the world, in conformity with His own designs and purposes. Nevertheless, snap judgments made by limited minds have engendered all sorts of prejudices. The language barrier and, in many instances, lack of schooling had branded the Portuguese immigrants as intellectually inferior. A concept generally accepted as a fact at that time. (89-90)

Sendo objecto de opressão constante para produzir o máximo de “piece work” possível por dia (78), Laurinda continuava a ser discriminada em detrimento de mulheres de outras etnias até ao dia em que teve alguém que deu voz ao seu sofrimento: Mémé Torres, de origem açoriana, mas nascida nos E.U.A. Mémé exige a prática da igualdade entre todos, valor que lhe tinha sido incutido na escola:

Proud, and loyal to her heritage [Azorean], she [Mémé] had set her mind on being the champion of the women who needed her help. “Ele faz pouco das portuguesas, (He looks down on the Portuguese women), but I won’t let

him get away with it,” she would say repeatedly. [...] The supply of cotton to keep the machines running was scarce and the operators had to wait their turn. When it came to me my rights were disregarded by the boss in our room. He repeatedly ordered the cotton to be given to another woman, an English woman, of his own nationality, apparently a personal friend. Favoritism! Yes, but also a human weakness, commonly witnessed in all walks of life. Mémé Torres, however, had seen that performance too many times with painful consequences for many, and her heroic effort to stop it had risen to the point of explosion. “This is downright discrimination, and it’s the last time. I’m quitting,” she yelled at the man, who was red as a beet while trying to calm her. (90, 93-94)

Além da discriminação étnica, Laurinda também é vista como sendo de cor, logo experiencia a discriminação racial também. Segundo Feldman-Bianco (2009) e Azevedo (2010), os imigrantes portugueses nos E.U.A. são vistos como *Black Portagee*, não só porque pertenciam às classes populares—na época a categoria raça era misturada com a categoria classe (Pap 114)—mas também porque a maior percentagem de portugueses que emigrava era oriunda dos Açores e de Cabo Verde (colônia portuguesa na época). Por conseguinte, os ilhéus portugueses imigrados eram tidos na sua generalidade como sendo de cor, pois a sua maioria trabalhava como pescadores na caça à baleia e nas fábricas têxteis. Havia uma percepção generalizada sobre os portugueses enquanto raça na Costa Leste dos E.U.A. Segundo o historiador Leo Pap: “The popular impression arose among New Englanders earlier in this century that the Portuguese ethnic group in general, including the Azorean majority, was more or less ‘colored’” (114). Portanto, na perspectiva do enclave étnico luso, a categoria classe é confundida com raça no primeiro quartel do século XX, pois na época “ser-se branco não incluía as diferenças culturais nem de classe” (Jacobson 116). Tratava-se de uma “categorização racial socialmente criada e baseada na distinção de classe por oposição a uma efetiva divisão de cor” (Azevedo 25). Este aspecto da classificação híbrida relativamente aos portugueses vem realçar mais uma vivência entre lugar de Laurinda, sendo europeia, mas percebida como um sujeito étnico racializado.

Veja-se, ainda, que os portugueses integram a onda migratória do sul e leste europeu, por oposição à onda imigratória anterior, proveniente do norte da Europa, o que vem contribuir para a percepção racializada desse grupo étnico. A chegada dos emigrantes do norte europeu havia estimulado a teoria do *melting-pot*, na qual o “novo Homem americano” abraçaria a vinda de pessoas da Europa do Norte para que da mistura de ambos se formasse um “novo Homem americano” (Silva 2008). A ideia do *melting-pot*, que expressa o desejo para a assimilação das diferentes etnias presentes na sociedade americana num modelo americano idealizado data deste período (Campbell and Kean 44). Essa pressão para assimilar os diferentes grupos étnicos no *melting-pot* aumentou com

a depressão económica sofrida a partir de 1929, juntamente com os efeitos da Segunda Guerra Mundial, resultando na polarização entre o que era considerado americano ou não, dentro da sociedade americana (Bowder 233-34). No final dos anos 1950s, tentou-se recuperar os valores americanos que haviam supostamente sido perdidos na sequência das suas definições restritivas. Isso levou a que as comunidades étnicas começassem a erguer a voz, reivindicando igualdade e reconhecimento (Campbell and Kean 33-45). Os contra discursos dos anos 50 e 60 geraram a imagem da nação como culturalmente plural, como “a multicultural nation-as-melting pot, which respects the individuality of the different components whilst these work as a unit towards achieving a common good” (Villar 235).

O patriarcado e o modelo do colonialismo interno são apontados como modelos paradigmáticos que vêm as divisões de género e raça como responsáveis pela manutenção de um sistema de exploração de classe. Segundo Evelyn Nakano Glenn, seguindo estes modelos, o principal mecanismo pelo qual a dependência económica é mantida é um “colonial labor system,” caracterizado por um mercado laboral segmentado, com barreiras discriminatórias e escalas de salário separadas, a par da divisão sexual do trabalho” (Glenn 87-88). Este sistema assegura que as pessoas de cor e as etnias imigrantes ganhem os piores salários. Incluída no grupo étnico luso, Laurinda é *cafrealizada*, vista como um sujeito de cor, herança colonial lusa. Segundo Boaventura de Sousa Santos, como colonizadores, os portugueses ora foram racistas, ora “miscigenadores natos” (Santos 2003, 35). Eis a razão por terem sido conhecidos como os *cafres* da Europa. A sua *cafrealização*, principalmente na África Oriental, era tida como forma de estigmatização para notar o processo de desvinculação da sua cultura e de seu estatuto de civilizado para adotar o mesmo modo de vida dos “cafres”, os negros locais.⁵

As imigrantes portuguesas são, no entanto, bastante activas na reivindicação de direitos. Fazem greves, como a greve de seis meses que teve lugar em 9 de Abril de 1928 em New Bedford, consequência de um corte de 10% nos salários sem pré-aviso de 30 dias como ficara estabelecido na greve anterior, de 1898 (Georgiana 49-75). Laurinda faz uma breve alusão a esta greve (155), pois embora nessa altura ela já não trabalhasse mais nas fábricas, estava atenta ao que acontecia na sua comunidade. Ela estudava a tempo inteiro para realizar o seu sonho de professora (118-20). Infelizmente, os operários não lograram as suas reivindicações e as fábricas de New Bedford fecharam à beira da Grande Depressão de 1929.

A mentalidade patriarcal açoriana dominava o enclave étnico luso nos Estados Unidos e a protagonista é muito criticada pelas companheiras da

5 Cafres, termo usado para distinguir negros não-muçulmanos daqueles que falavam árabe e estavam envolvidos no comércio que os povos da cultura árabe-muçulmana e suaíli mantinham há séculos naquelas paragens (Santos, 2003, 35).

fábrica sobre a sua decisão de voltar à escola—“it’s a crazy idea”—(117), pois deixar um emprego certo para dedicar anos a estudar e sem receber um salário era um risco muito elevado à época. À família também não lhe agradava a ideia; o pai deixara inclusive de lhe responder às cartas (101) quando percebeu que a filha não mais regressaria aos Açores definitivamente, pois os estudos haviam-lhe aberto outras perspectivas de vida. Ela havia ganhado independência na América, algo que dificilmente conquistaria num regresso aos Açores. No entanto, a família que ela adoptara como sua no país de acolhimento, Albertina e a mãe, davam-lhe todo o apoio necessário à consecução dos seus objectivos, incentivados pelas bolsas de estudo que recebera de instituições luso-americanas e Laurinda voltara para a escola em exclusividade.

Para realizar o seu *American Dream* e ser professora, Laurinda trabalha muito, submetendo-se às exigências da sociedade americana, mas também produzindo discursos que a colocam, indubitavelmente, como herdeira dos valores do império português. Na negociação entre a sua cultura e a cultura hegemónica, descreve momentos gloriosos da história de Portugal, de modo a mostrar-se descendente de um povo corajoso e aventureiro que no século XVI “descobrirá” outros continentes. As suas atitudes tipificam o sujeito descrito por Judith Butler em *The Psychic Life of Power* (1997): alguém cuja identidade não se forma apenas em subordinação mas serve-se dela para experienciar possibilidades outras de resistência através da produção de “discursos que se sobrepõem” (Butler 17). Portanto, Laurinda faz usos estratégicos de imagens hegemónicas como forma de resistência táctica em momentos nos quais o ajustamento à cultura norte-americana era mais difícil, ou quando celebrava uma conquista importante como quando recebeu o diploma de licenciada. Chega mesmo a utilizar o facto de ser herdeira desses aventureiros dos mares para justificar o facto de uma professora americana ter-se oferecido para lhe dar gratuitamente aulas de inglês:

It could be that many of our immigrants, even from very modest backgrounds, had absorbed and assimilated some of the culture accumulated by Portugal during those long centuries of classical, historical growth and world-wide expansion. (123)

Por conseguinte, a sua autobiografia ilustra um sujeito semi-colonial disjuntivo vivendo em múltiplos entre-lugares, consoante as circunstâncias do quotidiano. O facto de *The Open Door* ter sido escrito em inglês e conter frases idiomáticas referentes à cultura lusa em português e acompanhadas de tradução evidencia a sua vivência quotidiana entre lugar(es) múltiplos no país de acolhimento. Publica o texto em inglês como forma de mostrar a sua assimilação cultural e o desejo de conquistar um lugar na história literária luso-americana. E a sua agência empodera também a própria comunidade lusa nos Estados Unidos; agência que

se perpetua na comunidade de pertença e à qual Doreen Massey designa por “Geometry of Power” (30).

Em suma, *The Open Door* insere-se no género autobiografia, retratando um sujeito semi-colonial que negocia a sua condição a partir de um espaço diaspórico. Laurinda desenvolve uma identidade entre-lugar nos Açores, que se reproduz em múltiplos entre-lugares nos Estados Unidos em resultado dos posicionamentos geopolíticos regionais e continentais portugueses na sua relação com essa potência mundial. Além disso, o papel colonizador subalterno de Portugal em relação à Inglaterra influenciou a cultura portuguesa (onde se inclui a terçeirense) tornando-a numa cultura de fronteira, fragmentária e heterogénea. Por conseguinte, a protagonista negocia as suas identidades numa “cacophony of third spaces,” ou seja, vive num desdobramento de espaços terceiros móveis que abrem espaço para a diversidade de identidades que Laurinda experiencia enquanto ser duplamente subalterno: mulher e imigrante.

Além disso, a protagonista mostra a sua agência enquanto jovem mulher que decide “fazer a América” e desafiar o patriarcado. Não emigra almejando ganhar uma fortuna em bens materiais, mas realizar-se intelectualmente, isto é, exercendo a profissão de professora, estatuto que lhe granjearia respeito e admiração dos demais. Nesse percurso, teve que combater mentalidades, dentro e fora da sua comunidade, regidas pela norma patriarcal, o que enfrentou, encarando os desafios como oportunidades de crescimento pessoal e social.

Além de narrar a história de vida de Laurinda, *The Open Door* ilustra a vivência do grupo étnico luso na Costa Leste dos Estados Unidos. Através da sua jornada diaspórica, vimos como o grupo étnico luso é racializado quanto às categorias de classe, raça, género, nacionalidade, etnia num país que se autorrepresentava na época como o país da igualdade de oportunidades e da justiça social. Como forma de resistência a esta subalternização, Laurinda reproduz discursos que ora coincidem com aqueles proferidos pela cultura dominante (liberdade, igualdade de oportunidades), ora recorre a um discurso nacionalista luso para enaltecer a cultura portuguesa como forma de resistência à opressão a que é sujeita nos E.U.A.

Obras Citadas

- Andrade, Laurinda. *The Open Door*. New Bedford, Massachusetts: Reynolds-DeWalt, 1968. Impresso.
- Andrade, Luís. “Os Açores no Século XX: um contributo para a sua História Militar.” *Arquipélago*. História. 2ª série, III (1999): 447-456. Impresso.
- . “Alguns tópicos sobre as relações entre os Açores e a Grã-Bretanha (durante a Segunda Guerra Mundial).” *Arquipélago*. História. 1ª Série, II (1990): 195-201. Impresso.

- Azevedo, Rui Vitorino. "Not Quite White: The Ethno-Racial Identity of a *Portagee*" *Uma Revista de Estudos Anglo-Americanos / A Journal of Anglo-American Studies*. 12 (2010): 19-34. Impresso.
- Bhabha, Homi. *The Location of Culture*. London, New York: Routledge, 2004. Impresso.
- Hall, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. Impresso.
- Butler, Judith. *The Psychic Life of Power: Theories in Subjection*. Stanford, California: Stanford U P, 1997. Impresso.
- Browder Laura. *Slippery Characters: Ethnic Impersonators and American Identities*. Chapel Hill and London: U of North Carolina P, 2000. Impresso.
- Byrd, Jodi. *Transit of Empire: Indigenous Critiques of Colonialism*. Minneapolis: U of Minnesota P, 2011. Impresso.
- Campbell Neil e Kean Alasdair. *American Cultural Studies: An Introduction to American Culture*. London and New York: Routledge, 1997. Impresso.
- Crenshaw, Kimberlé. "Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color." *Stanford Law Review*. 43 (1991): 1241-1298. Impresso.
- Cusicanqui, Silvia Rivera. *Ch'ixinakax utxiwa: Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010: 53-76. Impresso.
- Fagundes, Francisco Cota. "As três subjectividades em *The Open Door* de Laurinda Andrade." *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, 2007. 379-420.
- Feldman-Bianco, Bela. "Multiple Layers of Time and Space: The Construction of Class, Ethnicity, and Nationalism Among Portuguese Immigrants." *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity, and Nationalism Reconsidered*. *Annals of the New York Academy of Sciences* 645.1 (1992): 145-174. Impresso.
- . "A Taste of Portugal": "Transmigração, Políticas Culturais e a Mercantilização da 'Saudade' em Tempos Neoliberais". *Ler História, Emigração e Imigração*. 56 (2009): 105-119. Impresso.
- DeVos, Georges. "Ethnic Pluralism: Conflict and Accommodation." *Ethnic Identity: Cultural Continuities and Change*. Eds. George DeVos and Lola Romanucei-Ross. Palo Alto: Mayfield, 1975.9. Impresso.
- Ferreira, José Medeiros. "As Relações Luso-Americanas no Século XX: A Descoberta do Plano Bilateral." *Ler História*. 25 (1994): 71-87. Impresso.
- Ferreira, Ana Paula. "Specificity Without Exceptionalism: Towards a Critical Lusophone Postcoloniality." *Postcolonial Theory and Lusophone Literatures*. Ed. Paulo de Medeiros. Utrecht Portuguese Studies Series. Utrecht: Portuguese Studies Center, (2007): 21-40. Impresso.
- . "Home Bound: The Construct of Femininity in the Estado Novo." *Portuguese Studies*. 12 (1996): 133-144. Impresso.
- Georgiana, Daniel e Roberta Hazen Aaronson. *The Strike of 28*. New Bedford, Massachusetts: Spinner Publications, Inc. 1993. Impresso.
- Glenn, Evelyn. "Racial Ethnic Women's Labor: The Intersection of Race, Gender, and Class Oppression." *Review of Radical Political Economics*. 17.3 (fall 1985): 86-108. Web. 19 abril 2013. Impresso.
- Glissant, Edouard. *Poétique de la relaçion*. Paris: Gallimard, 1990. Impresso.

- Hall, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- . *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. Edições 1992, 2006. Trad. Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Impresso.
- Jacobson, Mathew Frye. *Whiteness of a Different Color: European Immigrants and the Alchemy of Race*. Cambridge, Mass: Harvard U P, 1998. Impresso.
- Lewis, Alfred. *Home is an Island*. New York: Random House, 1951.
- Oliver, Lawrence. *Never Backward: the Autobiography of Lawrence Oliver, a Portuguese-American*. San Diego, CA: Neyenesch Printers, 1972.
- Marcos, Daniel da Silva Costa. *The Capelinhos Eruption: Window of Opportunity for Azorean Emigration*. East Providence, RI: Gávea-Brown Publications, 2008. Impresso.
- Margolis, Maxine L. *An Invisible Minority: Brazilians in New York City*. Gainesville: University of Florida Press, 2009. Impresso.
- Massey, Doreen. *Space, Place, and Gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994. Impresso.
- McDowell, L. and Massey, D. *A woman's place?* In D. Massey and J. Allen (eds), *Geography Matters*. Cambridge: Cambridge University Press in Association with the Open University, 1984.
- Meireles, Maria de Fátima Sacadura Calado. "Entre Dois Universos Culturais: O Conceito de Identidade no Discurso Autobiográfico de Laurinda Andrade". Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 1994.
- Mignolo, Walter D. *Local Histories/Global Designs*. New Jersey: Princeton U P, 2000. Impresso.
- Norman, Araújo. "The Open Door." *The Boston Globe*, 1968. Impresso.
- Pap, Leo. *The Portuguese Americans*. Boston, Massachusetts: Portuguese Continental Union of the USA, 1992. Impresso.
- Pestana, Alice. *La educación en Portugal*. Junta para la ampliación de Estudios y Investigaciones. Madrid: Patronato de los Estudiantes. 1915. Impresso.
- Pratt, Geraldine. "Feminist Geographies: spatialising feminist politics." *Envisioning Human Geographies*. Eds. Mark Goodwin, Paul Cloke, and Philip Crang. London, New York: Oxford University Press, 2004. Impresso.
- Pratt, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London & New York: Routledge, 1992. Impresso.
- Rajan, Gita. "Subversive-Subaltern Identity: Indira Ghandi as The Speaking Subject." *Decolonizing The Subject: The Politics of Gender in Women's Autobiography*. Eds. Sidonie Smith and Julia Watson. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992. 196-224. Impresso.
- Roediger, David R. *Working Toward Whiteness: How America's Immigrants Became White: The Strange Journey from Ellis Island to the Suburbs*. New York: Basic Books, c2005. Impresso.
- Santiago, Silviano. "O entre-lugar do discurso latino-Americano" *Uma literatura nos trópicos*. Ed. Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. Impresso.
- Santos. "Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade." *Entre Ser e Estar: Raízes, Percursos e Discursos da Identidade*. Eds. Maria Irene Ramalho and António Sousa Ribeiro. Porto: Afrontamento, 2001. 23-85. Impresso.

- . Boaventura de Souza. “Modernidade, identidade e a cultura de fronteira”. *Tempo Social*; Rev. Sociologia. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).
- Serrão, Joel et al (eds). *Testemunhos sobre a emigração portuguesa: antologia*. Lisboa: Livros Horizonte, 1976. 187-90. Impresso.
- Silva, Reinaldo. *Representations of the Portuguese in American Literature*. Dartmouth, MA: Center for Portuguese Studies and Culture. U of Massachusetts P, Dartmouth. 2008. Impresso.
- Silvey, Rachel. “Spaces of Protest: Gendered Migration, Social Networks, and Labor Activism in West Java, Indonesia.” *Political Geography* 22 (2003): 129-155. Impresso.
- Smith, Sidonie, and Julia Watson. *Reading Autobiography: A Guide for Interpreting Life Narratives*. 2nd ed. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2001. Impresso.
- Smith, Estelle M. “Portuguese Enclaves: The Invisible Minority.” *Social and Cultural Identity*. Ed. Thomas K. Fitzgerald. Athens, GA: U of Georgia P, 1974: 81-91. Impresso.
- Stoler, Ann. “Making the Empire Respectable: The Politics of Race and Sexual Morality in Twentieth-Century Colonial Cultures.” *American Ethnologist*. 16.4 (Nov.1989): 634-660. Impresso.
- Stonehill Pauline Correia. *Barrelful of Memories. Stories of my Azorean Family*. San Jose: Portuguese Heritage Publications of California Inc., 2005. Impresso.
- Suarez, José I. “Four Luso-American Autobiographies: A Comparative View.” *Melus* 17.3 (1991-1992): 17-32. Impresso.
- Villar, Carmen Ramos. “Janus and the Portuguese Emigrant: The Autobiographies of Portuguese Immigrants in the United States.” *Luso-Brazilian Review*. 49.2 (2012): 232-250. Web. 15 Março 2013.
- Williams, Jerry R. *In Pursuit of Their Dreams: A History of Azorean Immigration to the United States*. North Dartmouth: Center for Portuguese Studies and Culture. University of Massachusetts Press, Dartmouth, 2005. Impresso.